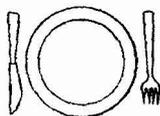


xo na sua feitura, leva as mesmas "fessuras", utilizando-se também, as de carneiro, se é feito deste animal; em qualquer deles, põe-se banha de porco e toucinho; a limpeza das vísceras é com limão e sal, depois ligeiramente aferventadas; com base no sangue de porco coagulado, obtém-se um guisado denso, gorduroso, condimentado, ao gosto que o paladar exigir. Tem aceitação popular no Norte, Nordeste (Bahia) e na Amazônia, onde o preparam também com vísceras e o sangue da tartaruga, indo à mesa, com molho de pimenta, arroz branco e farinha d'água.



### AS CONSTIPAÇÕES E AS BELAS INDIGESTÕES<sup>13</sup>

Pe. Lopes Gama  
(1793-1852)

A festa do Natal é o tempo das comezainas, é o tempo delicioso dos gastônomos, e filopanças, e a safra dos tolineiros. Então é que estes tiram o seu ventre da miséria. O tolineiro tem faro de cão para descobrir bons jantares. E sujeito há desta irmandade, aliás não pouco numerosa, que no tempo da festa não tem *ubi* certo, nem lume no fogão: aqui almoça, ali janta, acolá ceia, e sempre enchendo bem o bandulho porque muito come o tolo (diz o adágio) mas mais tolo é quem lho dá.

Não falta a vinhaça nos jantares. O feitoria, o madeira, o malvasia andam em profusão; os guisados, os ensopados, os fricassés e fricandós trescalam o olfato com o cheiro das especiarias, e para maior carga aparece na sobremesa, a que à inglesa também chamamos *toast*, o espumoso *champagne*. Dessas comidas e bebidas nascem formidáveis indigestões, de onde se originam gastroenterites, apoplexias etc. etc., e afinal de contas acabada a festa o saldo é sempre a favor do médico, e mais do alquimista boticário. E que coisa mais incômoda do que um desses jantares de bom-tom! Ordinariamente não começam senão lá perto das ave-marias. Os convidados estão tocando as almas com os dentes; estão todos pálidos e desfigurados, e muitos para iludir as exigências do estômago atiram-se ao infalível jogo. Aqui jaz a mesa do voltarete, tor-

<sup>13</sup> Reproduzido de *O Carapuço*. Crônica de costumes, n. 73 (23/12/1837). Reprodução de trechos da edição crítica de Evaldo Cabral de Mello (org.). Col. Retratos do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, pp. 234-246.

nada de mirões, com os quais muito se zangam certos pernas, quando perdem; ali está a mesa do desapiedado gagau, verdadeira imagem do purgatório para uns e do infemo para outros; acolá alguns alindados do bom-tom jogam o soporífero *le carté* etc. Ali está consumida a paciência, o espírito inquieto e assustado, e as tripas roncando, porque só têm ar: tudo está com cara de fome e nada de jantar. Uns atiram olhadelas curiosas lá para o interior da casa, onde ouvem os tinidos dos copos e pratos, tralchar das colheres.

O grupo do madamismo espartilhado e arrojado não tem menos fome que o departamento masculino: mas com que a disfarçará? As senhoras ordinariamente não jogam, as que tocam ou cantam estão desalentadas e fraquinhas; e de mais quem há aí que queira ouvir Catalani, nem Pasta, se tem barriga vazia, e está quase com vágados de fome? Para um estômago vazio e exigente perdem toda a graça as melhores composições de Rossini, nem pode apreciar os encantos de harmonia quem luta com o gigante *Fome*. O que hão de fazer as senhoras? É boa pergunta. Já se viu que duas senhoras estivessem caladas uma junto da outra nem por cinco minutos? Os rabinos dizem que o vocábulo Eva deriva-se de outro, que significa pairar: e a este propósito contam que quando Deus criou o mundo, caíram os doze cestos de palavras; que Eva apanhou logo nove, deixando só três a seu esposo e nosso pai Adão; e que daí vem serem as mulheres muito dadas a parolar.

[...]

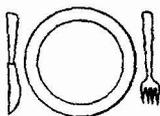
Assim cada qual procura distrair a fome que o devora, quando já ao transmontar o sol vem o dono da casa com ar risonho e prazenteiro com a faustíssima notícia de estar pronto o suspirado jantar. Hoje o grande tom é cada homem conduzir uma senhora pelo braço para a mesa, e no meio de duas amesendar-se em barbadão para servir à direita e à esquerda. Nos antigos tempos não queriam os nossos maiores que estivessem homens e mulheres juntos e baralhados, como nas cartas as damas com os valetes, e por isso nesses adjuntos as senhoras punham-se de um lado e os homens do outro. Mas hoje (graças ao progresso das luzes) esse uso é reputado por grosseria e carranzice. Deve estar tudo misturado, a fim de que as senhoras bem próximas aos homens passam ser melhor servidas por estes, e possam instruir-se, conversando à pureza acerca da paz e da guerra e das finanças, do *budget*, das eleições, da divisão e harmonia dos poderes políticos, e muito principalmente acerca dos direitos do homem, a fim de que elas o saibam e se não enganem com eles. *Tempora mutantur, et nos mutamur in illis!* (Os tempos mudam, e nós mudamos com eles!)

Em que estado já está este jantar vespertino! Quase tudo frio e ensebado; os molhos são aquela mesma graxa etc. Entretanto não se falta ao cerimonial, apesar da ânsia por comer com que todos estão. Os pratos são repartidos simetricamente e só se come a

compasso. Os guisados são por via de regra muito engordurados e cheios de especiarias. Sobre estes vão as bebidas espirituosas de todas as qualidades, inclusive a cerveja, que dizem ser coisa fresca; mas nanja eu, que tal creia. Que *mare magnum* de indigestões! Que safra para os doutores e farmacêuticos! E chama-se a isto recreio do tempo da festa? Na minha opinião uma das coisas mais incômodas que conheço é um jantar de grande tom e debaixo do ritual da moda. É um aperto, é um constrangimento, é um suor, que muito incomodam ao verdadeiro gastrônomo, pois se um homem fica no meio de duas senhoras, tanto pior, porque deve ter grande cuidado: deve pôr-se encolhido e de braços quase presos a fim de não amarrotar as mangas das senhoras, mangas de uma largura espantosa, e em cima disto sopradas e bojudas, como bujarronas bem cheias de vento. Quanto melhor é um jantar caseiro e à fresca!

Finalmente Deus nos livre de constipações e indigestões! Em todos os prazeres o seu melhor adubo é a mediania: *Nequid nimis* é a divisa do prudente e assisado.

Por este ano findou a sua tarefa o *Carapuceiro*, que se despede de seus ilustres leitores até para janeiro de 1838, desejando a todos muito boas festas e que Deus nosso Senhor nos preserve de Repúblicas de Piratini e da Bahia,<sup>14</sup> e de quantas repúblicas engendrarem os nossos especuladores políticos e esfomeados pescadores de enxurrada. Viva a Constituição e o sr. Dom Pedro II. Vamos por aqui que vamos bem.



## BREVE NOTÍCIA E LIGEIRAS CONSIDERAÇÕES ACERCA DA ARTE DOCEIRA NO RIO GRANDE DO SUL<sup>15</sup>

Athos Damasceno

O que se deu com a mesa do alemão, verificou-se também com a sua sobremesa. Passadas as primeiras dificuldades, isto é, criadas por eles próprios, em geral, condições de vida mais favoráveis à sua acomodação e adaptação ao novo meio, voltaram, na medida do possível, a seus antigos... doces. E como postre às batatinhas, às hortaliças, ao pão de centelo, ao fagópiro, às linguiças e

<sup>14</sup> Nota do organizador: Alusão à república farroupilha no Rio Grande do Sul e à sabina-da na Bahia.

<sup>15</sup> Trecho reproduzido do Prefácio a *Doces de Pelotas*. Coord. Amelia Vallandro. Rio de Janeiro; Porto Alegre: Ed. Globo, 1959, pp. 26-28.